

TER, PODER E NÃO UTILIZAR: A ESCOLHA DE CONTEÚDOS NO ENSINO MÉDIO

LUCIANA CRUZ BONI
UGF-Rio de Janeiro-RJ- Brasil
lucianacruz_rj@yahoo.com.br

YARA OSORIO
UGF/ESTÁCIO/UCL Rio de Janeiro-RJ- Brasil
yaralacerda@superiq.com.br

INTRODUÇÃO

Ao imaginar uma aula de Educação Física escolar a imagem mental que se faz é de uma quadra cheia, com jovens participando ativamente das atividades. Porém a realidade na maioria das escolas não é esta, principalmente no ensino médio. Este parece ser um dos dilemas atuais da Educação Física. Considerando esse fato, surgem algumas inquietações e o objetivo deste estudo: identificar a relação existente entre conteúdos e participação nas aulas de Educação Física no ensino médio.

A educação formal no Brasil remonta ao período jesuítico e já neste período as atividades físicas estavam presentes, na forma de jogos e brincadeiras tradicionais da cultura das tribos, como a peteca e o arco e flecha, praticados com a autorização dos padres jesuítas. A Imperatriz Leopoldina trouxe junto a sua comitiva um grupo de militares que tinham por hábito a prática da “*gymnástica*” que logo foi incorporada pelos militares brasileiros. Com a fundação do Colégio Pedro II em 1837, tem-se o registro da primeira disciplina dedicada à prática corporal, ministrada pelo Mestre de Gymnástica Guilherme Luiz Taube, ex-capitão do Exército Imperial. (ARANTES, 2008).

Em 1872 Rui Barbosa defendeu a Educação Física nas escolas para homens e mulheres. Para os homens a ginástica e práticas militares, para as mulheres a calistenia. Já no século XX, no Estado Novo a Educação Física foi utilizada pelo governo com caráter ufanista e com a intenção de iniciar os estudantes desde a mais tenra idade nas regras disciplinares socialmente aceitas. A Educação Física era voltada para a ginástica formativa e para as modalidades esportivas, utilizando o método da ginástica desportiva generalizada. Nesta fase os menos habilidosos eram afastados e não havia a preocupação de que as aulas deveriam ser para todos. Ainda hoje esta visão tecnicista se manifesta na prática pedagógica da Educação Física em diferentes ocasiões.

Mudanças foram anunciadas com a promulgação da segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1971. Foram criados os diferentes segmentos de ensino. O primeiro composto de oito anos, então chamado 1º grau, o segundo era composto de três anos para formação geral e quatro anos para a formação técnica. Neste segmento a Educação Física deveria trabalhar ginásticas, atividades atléticas e modalidades esportivas. Nesta fase a tendência que norteava a Educação Física era tecnicista e esportivista, com aulas tendendo para o esporte de rendimento, favorecendo o aproveitamento das conquistas esportivas da seleção brasileira de futebol como instrumento político. Surge então nas escolas a figura do professor-técnico e do aluno-atleta. A Educação Física, assim como o Inglês e a Educação Artística eram disciplinas que não reprovavam os alunos. Eram consideradas apenas atividades, usufruindo menor prestígio nos currículos escolares. Se analisarmos bem esta visão de não reprovação e desprestígio acompanha a disciplina até os dias atuais. (ARANTES, 2008)

No momento atual a educação brasileira segue as determinações da LDB 9394/96. O ensino básico e obrigatório contempla desde a educação infantil até o ensino médio. A Educação Física neste cenário está integrada ao projeto político pedagógico da escola e deve ter um caráter inclusivo. As tendências que norteiam a disciplina são chamadas de críticas e pós-críticas e entendem a Educação Física como formadora do aluno cidadão. Seu instrumento

de trabalho é a cultura corporal de movimento, que abrange esportes, danças, lutas, ginásticas, jogos e outras práticas corporais. (DARIDO *et al*, 1999)

O ensino médio passou por modificações em seus objetivos e não se considera mais esta fase da educação apenas como a responsável pela formação de técnicos ou de preparação para o ensino superior. A visão de formação do cidadão e do aprofundamento dos conteúdos de forma crítica e analítica apresenta-se mais fortalecida nesta fase do ensino, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio-PCNEM (BRASIL, 1999).

Poucos são os estudos na área de Educação Física na fase do ensino médio. Os realizados até então nos permitem observar que existe uma diversidade de propostas para esta fase da escolaridade. Para Mattos e Neira (2000) o enfoque nas questões de saúde é um caminho a seguir para atingir o público adolescente, linha também seguida por Nahas (1997, citado por MATTOS; NEIRA, 2000). A proposta destes autores é chamada de saúde renovada, e é muito presente no PCNEM. A visão que a sociedade possui da carreira e dos profissionais da área é ligada às questões de saúde, sendo divulgada e reforçada pela mídia. A saúde renovada aponta como competências a serem desenvolvidas pela Educação Física no ensino médio, o conhecimento do corpo, a aptidão física e saúde, buscando fazer com que o aluno saiba o que ocorre com seu corpo durante a atividade física.

Para Darido (2005a; 2005b) é importante um planejamento participativo, onde o aluno contribua com decisões de forma ativa. A autora leva em consideração a experiência dos alunos a fim de não tornar o currículo uma camisa de força. Essas concepções de trabalho enquadram-se nas tendências mais atuais da Educação Física, chamadas de tendências críticas e pós-críticas. Os autores concordam que a Educação Física no ensino médio não pode e não deve ser encarada como uma repetição pouco mais aprofundada de todo o histórico de conteúdo já trabalhado no ensino fundamental. Até porque muitas vezes é a forma de ser apresentada que faz com que os alunos se afastem da prática da disciplina. Se a relação de muitos estudantes com a Educação Física foi marcada pelo insucesso e segregação nas atividades cria a imagem de que a disciplina deve ter por objetivo formar atletas. Para Darido *et al.* (1999) a Educação Física no ensino médio deve ir além das técnicas de esportes já vivenciados e partir para a oferta da diversidade de atividades, talvez dessa forma o número de dispensas e de alunos desinteressados nas aulas diminua. Em estudo realizado pela autora em 2004, fica evidenciado que há um afastamento gradativo dos alunos do ensino médio talvez estimulado por experiências anteriores. Esta evidência é também anunciada por Caviglioli (1976 *apud* DARIDO, 2004)

MÉTODO

A pesquisa caracteriza-se por ser de campo, descritiva e exploratória. A população foi composta por alunos e professores de educação física das três séries do ensino médio, em escolas da rede particular e estadual. Uma escola pertence à rede privada, em bairro de classe média baixa, na cidade do Rio de Janeiro. A outra instituição é vinculada à rede pública no município de Queimados, baixada fluminense do estado do Rio de Janeiro, caracterizada como região de baixa renda.

A amostra foi de cem alunos e dos três professores das turmas observadas. O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário validado e aplicado mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

ANÁLISE DOS DADOS

Na medida em que o instrumento de coleta de dados foi aplicado aos alunos e aos professores das turmas investigadas, a análise se propõe a comparar os relatos obtidos. As relações existentes entre os conteúdos das aulas ministradas na disciplina de Educação Física escolar e a participação dos alunos no ensino médio, iniciam com a comparação com relação

ao ensino fundamental, que geralmente apresenta uma variedade maior do 6º ao 9º ano. Nesse período os alunos participaram de jogos populares e cooperativos, danças e atletismo vividos como os conteúdos, além do futebol, vôlei, basquete e handebol.

No ensino médio os conteúdos se afunilam nos quatro esportes coletivos clássicos, o que contraria o PCNEM, que prioriza para esta fase de ensino a ampliação dos conhecimentos, assim como o aprofundamento e desenvolvimento do senso crítico (BRASIL, 1999). É recorrente se identificar dentre os motivos pelos quais os alunos do ensino médio não participam das aulas de educação física preguiça, falta de habilidade, não gostar de atividades físicas e não gostar dos conteúdos abordados.

A escolha de conteúdos parece ser um dos itens que merece atenção no que tange a participação dos alunos abordados. Quando perguntados sobre os três conteúdos mais utilizados pelos professores fica mais evidente a utilização dos esportes clássicos e dentre estes a preferência pelo voleibol e futebol.

Sobre os motivos da escolha de determinados conteúdos em detrimento de outros, os professores apontam a preferência dos alunos por futebol, ginástica, atletismo e handebol. Entretanto apesar de perceberem essas preferências as que prevalecem são o vôlei e o futebol. A professora da rede particular indica que sua opção por estes conteúdos, ocorre devido ao material que possui para trabalhar, confirmando o estudo de Rangel-Betti (1999), onde este mesmo motivo era apontado por diversos professores para a não variação de conteúdos.

Além da não ampliação de conteúdos, também não ocorre o aprofundamento nestes conteúdos, apenas a reprodução dos movimentos específicos das práticas, muitas vezes sem um objetivo determinado. Mesmo entre os esportes coletivos clássicos o handebol e o basquete diminuem consideravelmente a sua presença como conteúdo no ensino médio. Isto talvez possa ser explicado até mesmo pela influência da mídia, haja vista que o futebol é parte da cultura do país e o voleibol atualmente ocupa grande espaço na mídia esportiva devido as conquistas das seleções nacionais.

Outro fator que também influencia fortemente a não participação dos alunos segundo Darido *et al* (1999), é a fase da escolha profissional. O fato de não atribuírem importância à disciplina, faz com que os alunos se afastem das aulas dando preferência às disciplinas consideradas “mais importantes” para o futuro profissional, que se aproxima ao término desse período. No nosso estudo este tipo de relato não foi identificado, principalmente no turno da noite que apresenta um alunado adulto, trabalhando durante o dia.

No turno da noite a questão da participação possui outro fator de influência. É tradição na maior parte das escolas, principalmente públicas, não apresentar aulas práticas no ensino noturno. Isto faz com que os conteúdos utilizados se restrinjam as regras, história dos esportes e aos temas de saúde. Este fator foi apontado pela professora da noite indicando que parte de seus alunos participam com entusiasmo e outros não participam de forma alguma. Ela atribui a falta de atrativo da aula ao desinteresse dos alunos. Esta visão cria uma circularidade difícil de interromper caso a docente não avalie seu próprio trabalho.

Nas respostas dos alunos do período noturno nenhum declarou se negar a participar de aulas práticas. A tradição questionável de não haver aulas práticas no período noturno parece ser mais uma posição das escolas do que dos próprios alunos. As escolas se apóiam nos casos apontados pela LDB onde a Educação Física é facultativa e o facultativo se tornou regra.

Para o professor do turno da manhã e da tarde alguns alunos participam com entusiasmo e outros não participam de forma alguma. Ele considera que a participação é uma escolha de cada aluno. Porém a Educação Física é disciplina obrigatória do currículo. E a participação nas aulas pode configurar parte da avaliação qualitativa do aluno. Como avaliar um aluno que muitas vezes sequer permanece no local da aula, se partir do princípio de que participar é uma opção do aluno? Também no turno da manhã alguns alunos participam com entusiasmo e outros por serem obrigados. Para a professora esta realidade se deve ao fato dos alunos não terem tido incentivo ao longo de sua vida escolar, não desenvolvendo o gosto pela

disciplina. Novamente a responsabilidade é atribuída a outrem. Este depoimento confirma o estudo de Darido *et al.*(1999) em que os seguidos insucessos e a segregação proveniente deles afastam os alunos da Educação Física.

Ao serem questionados sobre a possibilidade de aplicação de outros conteúdos foi percebida resistência por parte dos docentes. O professor do turno da tarde declara nunca ter trabalhado ginástica laboral, lutas, danças e corridas de orientação. Considerando a dimensão atitudinal dos conteúdos, as lutas e as danças seriam uma excelente oportunidade de se trabalhar o respeito enquanto as corridas de orientação poderiam desenvolver o trabalho em equipe, necessidade citada por este mesmo professor.

A professora do turno da manhã, da rede particular, em relação a outros tipos de conteúdos diferentes dos esportes clássicos, considera que a ginástica laboral e postural assim como a ginástica localizada não são pertinentes à educação física na escola. Porém o ensino médio de acordo com a LDB e o PCNEM tem também a finalidade de preparar o aluno para o trabalho e como cidadão. O descarte desses conteúdos contraria estas ferramentas legais como confirma as idéias de Daolio (1995) que a educação física seria uma forma de fazer com que este aluno trabalhador tenha consciência de seu corpo e possa, mesmo que por alguns instantes, fugir do automatismo imposto pelo trabalho.

Não parece existir resistência por parte dos alunos, para a utilização de novos conteúdos nas aulas de Educação Física do ensino médio. Ao serem indagados sobre a inserção de lutas, danças, ginásticas como rítmica desportiva, artística, 64% do grupo aceitaria lutas e dança e 36% não. Frente à possibilidade de esportes de raquete, 70% indicaram disponibilidade e 30% não.

No caso das lutas a aceitação do conteúdo remeteu ao fato das aulas talvez serem adequadas para o controle da ansiedade e a resistência por considerarem uma atividade violenta. Para os alunos que possuem contato com esta realidade foi considerada a possibilidade de estabelecer vínculo dos alunos com a prática e com as aulas. Para o aluno trabalhador as lutas, sem dúvida, podem se caracterizar como uma forma de consciência do corpo e controle do stress. Essa mesma observação foi feita por Daolio. (1995)

No caso dos esportes com raquetes, a aceitação foi maior. A alegação das aulas serem diferentes foi o motivo mais apontado pelos alunos. Alguns alunos declaram gostar desses esportes e nunca terem tido a oportunidade de praticá-los. Alguns são esportes internacionais, como o beisebol, o badminton, o tênis e o hóquei. Este conteúdo possibilitaria discussões sobre diversidade cultural e trabalho em equipe. A prática de alguns desses esportes em locais de lazer como no caso do frescobol e o tênis de mesa, também se constitui em tema de análise e reflexão. Algumas escolas possuem mesas de tênis de mesa e se utilizam desse material no horário de intervalo das aulas ou em horários vagos dos alunos.

As três respostas mais apontadas pelos alunos para a questão da função da Educação Física na escola, apresentam a ligação com o bem estar físico, o que comprova a relação existente entre a disciplina com as questões de saúde apontadas pela proposta da saúde renovada e determina também a importância percebida por eles para a disciplina em sua vida cotidiana. Parece que os alunos e professores do grupo investigado não têm mais a visão de que a Educação Física na escola tem a função de formar atletas. O que pode ser considerado uma mudança de atitude em relação à tendência que durante tanto tempo predominou na prática diária dos professores da área, e ainda hoje é encontrada.

Para os professores da rede pública a função da disciplina é o bem estar físico e o trabalho com as bases para o aprendizado cognitivo. Para a professora da rede particular a função da Educação Física inclui o bem estar físico, as bases cognitivas e a criação de hábitos de vida saudável fora da escola, criando o gosto por alguma atividade física (MATTOS; NEIRA, 2000). Nenhum dos professores citou a formação do cidadão como proposto nos PCNEM.

Os conteúdos apontados na pesquisa, assim como outros que podem ser da mesma forma utilizados para referência dos alunos oferecem uma riqueza de temas com possibilidade de trabalho e aprofundamento a partir da prática. Contemplam as três dimensões dos

conteúdos e não retiram das aulas de Educação Física uma de suas principais características, o componente prático.

CONCLUSÃO

A Educação Física passou por modificações nos seus princípios e objetivos ao longo de sua história. Um dos maiores desafios dos professores da área é a participação dos alunos. A escolha dos conteúdos ou a repetição das aulas pode ser responsável pela realidade no ensino médio. A criatividade é altamente relevante na prática diária das aulas de Educação Física.

No ensino fundamental a oferta de diferentes conteúdos é superior a do ensino médio. Os alunos no ensino fundamental têm contato com diferentes práticas tais como jogos cooperativos e danças, mesmo predominando os quatro esportes coletivos clássicos. Já no ensino médio a variedade de conteúdos se reduz e estes esportes que se inscrevem nos planejamentos das aulas quase totalmente. Conteúdos como as lutas e as danças praticamente não são citadas pelos alunos, nem oferecidas pelos professores. Entre os esportes clássicos o basquete e o handebol perdem espaço enquanto o vôlei e o futebol dominam os conteúdos.

Muitos conteúdos desconsiderados pelos professores do ensino médio estão previstos nos dispositivos legais que baseiam a Educação Física para esta fase da educação. As justificativas para tal posição dos docentes recaem sobre a falta de material para o trabalho, a não identificação dos temas com a Educação Física escolar e a falta de aulas práticas no período noturno. Percebe-se que alguns conteúdos são sempre utilizados com as mesmas finalidades, sem que se analise a possibilidade de que outros temas abordem o mesmo fim.

A maior parte dos alunos considera participar das aulas com entusiasmo, o que não se confirma no discurso dos professores. Eles afirmam que os alunos não participam por razões pessoais, por não ter havido incentivo nos períodos anteriores e pela repetição das aulas. Outro fator observado é que parece não existir um aproveitamento das experiências corporais anteriores dos alunos.

A escolha dos conteúdos influencia não só a participação dos alunos nas aulas, como também a visão que os mesmos possuem das aulas da disciplina. Quando questionados sobre qual seria sua posição se os conteúdos trabalhados nas aulas fossem: danças, ginásticas, lutas e jogos com raquetes, em todos os casos a resposta predominante foi que os alunos participariam porque as aulas seriam diferentes. As aulas de Educação Física na fase do ensino médio no grupo observado se apresentam como uma repetição de tudo que os alunos já viveram até o momento, sem um aprofundamento e sem levar em consideração a enorme quantidade de informações que estes jovens recebem diariamente através da mídia e da rede mundial de computadores.

Não se apresentou no discurso dos alunos uma negativa acentuada para a prática das atividades. Assim como não se apresentou também uma negativa de participação mesmo em aulas práticas dos alunos do período noturno. Conclui-se que a regra de não existir aulas práticas neste período é uma posição muito mais das escolas e professores do que uma resistência dos alunos. A utilização dos casos onde a Educação Física é facultativa de acordo com a LDB não pode inviabilizar ou nortear o trabalho do professor.

Este trabalho não é contra utilização dos quatro esportes coletivos clássicos como conteúdo da Educação Física na fase do ensino médio. Como parte integrante da cultura corporal sua utilização é válida e necessária. Porém na atualidade parece que outros tantos conteúdos que são da mesma forma integrante desta cultura corporal, foram esquecidos ou negligenciados. Estas repetições pouco aprofundadas, sem intenção muitas vezes de formação do aluno, somada aos insucessos anteriores, afastam os alunos participantes da pesquisa das aulas e reforçam o estigma de disciplina pouco importante que enfrentamos historicamente.

REFERÊNCIAS:

ARANTES, A. **A história da educação física escolar no Brasil**. Revista Digital, Buenos Aires, ano 13, nº 124, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Média. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação Física, Ensino Médio**, v.7, Brasília: MEC, 1999.

CORREIA, W. Planejamento Participativo e o ensino de educação física no 2º grau. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl.2, 1996, p.43-48.

DARIDO, S. *et al.* Educação Física no ensino médio: reflexões e ações. **Motriz**, v. 5, n. 2, Dezembro, 1999, p.138-145. Disponível em:

<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/05n202darido.pdf> Acesso em: 7 jul. 2011.

DARIDO, S. C. A educação Física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividades físicas. **Revista Brasileira Educação Física Especial**, v. 18, n. 1, p. 61-80, jan./mar. 2004.

_____. **Os conteúdos na educação física escolar**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005a.

_____. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005b.

DAÓLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 1995.

MATTOS, M.; NEIRA, M. **Educação física na adolescência: construindo o conhecimento na escola**. São Paulo: Phorte, 2000.

RANGEL-BETTI, I. R. Esporte na escola: mas é só isso professor? **Motriz**, v. 1, n. 1, junho, 1999, p. 25-31.

SOARES, C. Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, n.2, 1996, p. 6-12. Disponível em: <http://www.cev.org.br> Acesso em: 7 jul. 2011.

Endereço: Rua Tenente França, 278/ cs:06/ 201 – Cachambi
Rio de Janeiro – RJ Cep: 20771-445
Telefone: 21-87176084
Email da autora: lucianacruz_rj@yahoo.com.br